

Representações e Práticas da Docência e da Enfermagem na Trajetória

Profissional de Jaci Silva Martins

Camila de Almeida Alencar¹;

Rogério Dias Renovato².

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: camila.alencar.almeida@hotmail.com; Bolsista de Iniciação Científica UEMS. Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

²Professor Doutor do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: rrenovato@uol.com.br

RESUMO: Objetivos conhecer e compreender as representações e práticas da docência da enfermeira Jaci Silva Martins. Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e histórica, de cunho biográfico, tendo como aporte teórico a história cultural. Foi realizada análise documental, a partir do acervo pessoal da biografada e da Escola Vital Brasil. Também foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas. Jaci Silva Martins se formou em 1962 na Escola de Enfermagem Cruzeiro do Sul na cidade de Rio Verde, Goiás. Em 1965, assumiu a direção do serviço de enfermagem do Hospital Evangélico Dr. e Sr^a. Goldsby King de Dourados, atuando até 1987. Nesse mesmo período foi diretora, docente e supervisora de estágios da Escola de Auxiliar de Enfermagem Vital Brasil. Já em 1994 até 2005, trabalhou na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. As representações da docência estão entrelaçadas com os modos de ser enfermeira, caracterizados pela determinação, disciplina e liderança, percebidas pelos seus pares durante sua trajetória profissional. Suas práticas de docência foram reelaboradas ao longo de sua trajetória, trazendo representações da enfermeira-chefe e sob influência do modelo nightingaleano, sendo denominado como o “Padrão Jaci”, mesclando o compromisso com os saberes teóricos e práticos da enfermagem na ética e respeito ao ser humano.

Palavras-chave: Biografia. História da enfermagem. Docente de enfermagem.

INTRODUÇÃO

A pesquisa histórica em enfermagem vem se desenvolvendo e buscando a construção da memória da profissão, ao refletir a história das enfermeiras, bem como do ofício, sendo um desafio a ser enfrentado crescentemente. O registro sistematizado da história da enfermagem nas diferentes faces desenvolvidas poderá ser um exercício de autoconhecimento dos enfermeiros, e ainda uma maior compreensão da profissão pelos seus profissionais⁽¹⁾.

O estudo de biografias consiste em pesquisa qualitativa, a qual pode fornecer um relato significativo de experiências e vivências, através de uma existência permeada de embates, disputas e avanços, envolta em determinado contexto social, cultural e econômico⁽²⁾.

As biografias de enfermeiras, que foram sujeitos atuantes na história do desenvolvimento da profissão, têm a função de contribuir para o desvelar das representações sobre a enfermagem construídas ao longo da história. Desse modo, as pesquisas biográficas possibilitam construir sua identidade profissional, pois os modelos também fornecem os valores da profissão. A analogia de passado e presente se coloca na busca do conhecimento, de maneira a pensar o passado por meio de questões que constituem contemporâneo. As identidades profissionais são mantidas pelo processo de compreensão de si mesmo como atores sociais, e de uma razão política estratégica na sua própria realidade⁽³⁾.

Distintas enfermeiras em decorrência de sua importância para a profissão têm sido objeto de estudos históricos, dentre elas temos: Laís Netto dos Reys, Waleska Paixão, Edith de Magalhães Fraenkel, Olga Verderese, entre outras. Essas mulheres são exemplos de profissionais que muito realizaram pela Enfermagem e tem sido objeto de investigações biográficas⁽⁴⁾.

Pesquisas biográficas realizadas no Brasil mostram pontos de semelhança como: o gênero feminino e o processo formativo em escolas de enfermagem situadas predominantemente na Região Sudeste. Assim podemos destacar a trajetória de vida de Waleska Paixão⁽⁵⁾ e Olga Verderese⁽⁶⁾, enfermeiras diplomadas uma pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas, da Universidade Federal de Minas Gerais - EECC/UFMG, e outra pela Universidade de São Paulo – USP. Ambas, exerceram a docência, e assumiram a direção de cursos superiores de enfermagem. Também se mobilizaram para a criação de um órgão defensor do exercício da profissão de enfermagem, em suas cidades a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas – ABED.

Estudos biográficos internacionais também se utilizam da trajetória de vida de enfermeiras, como Virginia Cleland⁽²⁾ e Jane Elizabeth Hitchcock⁽⁷⁾. Cleland foi docente e uma líder em enfermagem, exercendo funções como gestora. Incentivou o desenvolvimento do programa de doutorado em enfermagem em Wayne State University em Detroit, Michigan. Também serviu como diretora da Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado. Ao longo de sua carreira, ela foi um membro ativo de diversas organizações profissionais e honorário, incluindo a American Nurses Association (ANA), e a American Public Health Association. Já Hitchcock se formou na Escola de Nova York para Enfermeiros. Hitchcock era uma enfermeira de saúde pública, enfermeira-chefe, e então superintendente, e também atuou como docente, além de escrever diversos artigos da área.

Ampliar as pesquisas biográficas, trazendo estudos sobre enfermeiras de outras regiões, além das regiões Sul⁽¹³⁻¹⁴⁾, Sudeste^(5,6,12,15,16) e Nordeste do país⁽¹⁷⁾, torna se um propulsor na historiografia, pois no Estado de Mato Grosso do Sul essas produções são escassas, principalmente no que se refere às biografias de suas pioneiras que contribuíram para evolução da profissão. A trajetória de vida da enfermeira Jaci Silva

Martins e sua atuação na região Centro-Oeste, sendo uma das pioneiras no ensino de enfermagem no antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, reforça a importância dessa investigação histórica, de cunho biográfico

Assim, esse estudo tem como objetivos conhecer e compreender as representações e práticas da docência e da enfermagem na trajetória profissional de Jaci Silva Martins.

Metodologia

Tratou-se de pesquisa descritiva, exploratória e histórica, de cunho biográfico, a qual teve como aporte teórico a história cultural. O tempo é um elemento fundamental ao estudo da história, orienta perspectivas do passado, permite a análise do presente e se propõe a fazer projeções sobre o futuro. O tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Trata-se do encontro da história já vivida, com a história pesquisada, estudada, analisada e enfim narrada⁽⁸⁾.

Os estudos históricos compreendem o estudo dos grupos humanos no seu espaço temporal, preocupado em discutir os variados aspectos do cotidiano das diferentes classes e grupos sociais. “[...] o método de pesquisa histórica caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados que tem relação com ocorrências do passado. Três passos são considerados essenciais na produção de um trabalho histórico, ou seja: 1) levantamento de dados; 2) avaliação crítica destes dados e finalmente, 3) apresentação dos fatos, interpretação e conclusões”⁽⁹⁾.

A história cultural tem como principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pela compreensão dos agentes sociais. As percepções dessa realidade produzem estratégias e práticas, cujas escolhas e condutas não são neutras. Desse modo, as representações do

mundo social estão sempre colocadas em um campo de concorrências e de competições. Sob essa perspectiva, a abordagem da história cultural faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada grupo ou instituição, algo a ser apreendido, isto é, uma maneira própria de estar no mundo, um estatuto e uma posição ⁽¹⁰⁾.

A proposta da história cultural seria decifrar a realidade do passado, por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Este seria, contudo o grande desafio para a história cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidade e de investimentos de construção do real que não são os seus presentes⁽¹¹⁾.

As representações podem ser uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentidos ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade⁽¹¹⁾.

Local da pesquisa: Realizada no município de Dourados, Mato Grosso do Sul, no período que se estendeu do segundo semestre de 2012 ao primeiro semestre de 2013.

Coleta e análise dos dados: para a coleta de dados foi utilizadas como fontes históricas o acervo pessoal da enfermeira Jaci Silva Martins, bem como o acervo da Escola Vital Brasil. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em conformidade aos seguintes critérios de elegibilidade: colegas de trabalho, professores e ex-alunos nos anos de 1965 a 2005, sendo a amostra composta por quatro sujeitos, os quais foram convidados pessoalmente ou por correio eletrônico a participar da pesquisa. A participação deu-se também através da assinatura do termo de consentimento livre e

esclarecido. As entrevistas foram gravadas, transcritas e encaminhadas aos participantes para devida validação, e somente após isso, deu-se início à análise.

A análise documental das fontes se deu através de catalogação do arquivo por ano, e espécie como: registros e atas da Escola Vital Brasil, arquivos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Materiais do Mestrado. Essa fase se consistiu de três passos considerados essenciais na produção de um trabalho histórico que foi o levantamento de dados; avaliação crítica destes dados e finalmente, a apresentação dos fatos, interpretação e conclusões⁽⁹⁾.

Já para as entrevistas o método proposto foi à história oral. A história oral é procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre versões e interpretações sobre a história. No método da história oral, a memória é a principal fonte dos depoimentos orais, cujas múltiplas variáveis, sejam elas, temporais, individuais, coletivas, conversam entre si, relevando lembranças, às vezes de forma explícita, e em outros casos, essas memórias podem ser omitidas propositadamente⁽⁸⁾.

A história oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Utilizando a memória como principal fonte de dos depoimentos orais. As entrevistas foram gravadas e transcritas, após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido⁽⁸⁾.

Questões éticas: A proposta de pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica Dom Bosco, via Plataforma

Brasil. À definição do CEP foi decidida pelo CONEP. O parecer favorável foi obtido no dia 6 de Junho de 2013, com o número 296.172 e CAAE 13599313.2.0000.5162.

Resultados e Discussões

Origem e Formação

Jaci Silva Martins nasceu no dia 06 de Janeiro de 1939 na cidade de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo. Seus pais eram provenientes do interior de Minas Gerais, e possuíam formação de ensino primário. Eles valorizaram o desenvolvimento de sua prole, tanto no crescimento humano e pessoal, quanto cultural e profissional. Sua família sempre foi muito atuante junto à Igreja Presbiteriana, instituição protestante, histórica e de teologia reformada. Jaci vem de uma família com oito irmãos, foi casada e teve uma filha.

Jaci Silva Martins cursou enfermagem na Escola de Enfermagem Cruzeiro do Sul em Rio Verde, Goiás no período que compreende de 1959 a 1962. Esta escola possuía proximidade ao protestantismo. Também se formou em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar, pela Faculdade de Ciências, Letras e Educação na cidade de Presidente Prudente em 1982 a 1984.

A especialização realizou em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) em 1995. E no período de 1998 a 2000, cursou Mestrado pela Universidade de Brasília (UnB) na área de Desenvolvimento Sustentável, entre 1998 a 2000. Sua dissertação abordou o planejamento de lixo, com mais ênfase sobre o lixo hospitalar.

Diferentemente da enfermeira Jaci, verificou-se que em pesquisas biográficas de oito enfermeiras brasileiras^(5,6,12,13,14,15,16,17), que tiveram o percurso formativo predominantemente nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. A formação dessas profissionais ocorreu em renomadas escolas de enfermagem do país e no exterior,

muitas delas incentivadas pela Fundação Rockefeller. Três delas estudaram na Universidade de São Paulo (USP), outra se formou pela Escola Anna Nery no Rio de Janeiro e uma delas realizou o curso de Graduação em Enfermagem na Escola Luisa Marillac. Outro ponto a ser destacado e também constatado na trajetória da enfermeira Jaci é o fato de que seis enfermeiras, objeto das pesquisas biográficas continuaram sua formação em curso de Pós-graduação Stricto Sensu.

Vida Profissional como Enfermeira e Docente do curso de Auxiliar de Enfermagem

Jaci Silva Martins iniciou sua vida profissional atuando como enfermeira supervisora do Hospital Evangélico da cidade de Rio Verde em Goiás no período de um ano, de 1963 a 1964. No ano de 1965, Jaci se mudou para a cidade de Dourados, e passou a atuar como diretora dos serviços de enfermagem do Hospital Evangélico Dr. e Sra. Goldsby King, por um período de tempo que perdurou quase 30 anos.

Com a chegada de Jaci foi possível reabrir a Escola de Auxiliar de Enfermagem Vital Brasil (EAEVB), fundada em 1953, visto que estava fechada e precisava ser reorganizada. Jaci menciona esse momento de sua vida em uma entrevista concedida a uma pesquisadora no ano de 2005, a qual esta anexada ao seu acervo pessoal da biografada: *“As portas foram se abrindo e conseguimos a autorização para o funcionamento da Escola. Abrimos a Escola e fui Diretora por muitos anos”*.

Além de diretora da EAEVB, também foi docente, acumulando o cargo de chefia dos serviços de enfermagem do hospital em Dourados: *Assumi a Direção do serviço de Enfermagem do Hospital e a Direção da Escola. Depois com o tempo os dois setores foram crescendo e fomos admitindo mais Enfermeiras. Fiquei um período só com a Escola e outro só com o Hospital. Fiquei ligada ao Hospital Evangélico e a Escola por um período de 29 anos.*

A biografada exerceu a docência, tanto em conteúdos teóricos, como em campo de prática da EAEVB, convergindo para as representações da enfermeira-chefe como

figura-tipo dos campos de aula prática no campo hospitalar, tornando-se referência e exemplo a ser seguido pelas alunas de enfermagem.

A análise da bibliografia levantada mostra que o papel da enfermeira-chefe abrangia funções e atribuições relacionadas tanto à assistência e ao ensino como à administração e supervisão dos serviços de enfermagem. As enfermeiras chefes constituíam a base da pirâmide administrativa, executiva e educacional do serviço de enfermagem. Além disso, essa figura também deveria ter experiência no ambiente hospitalar, possuir qualidades morais e intelectuais que a possibilitasse lidar com compreensão e tato para com o paciente, além de possuir o “dom da direção”, a fim de guiar eficientemente seus auxiliares e ministrar ensinamentos, mantendo vivo o interesse pelas questões sociais⁽¹⁸⁾.

Em uma das falas do entrevistado 1 *“Jaci era uma pessoa bastante dedicada, perfeccionista, e procurava ser sempre bastante clara, e focava em tudo que fazia a ética do fazer, e o respeito com o ser humano.”* O entrevistado 3 diz: *Na ética ela era super rígida, na técnica de enfermagem era detalhista. [...] Com ela eu aprendi muita coisa: questão de ser responsável desde horário, ser responsável daquilo que você vai fazer ter consciência do que se vai fazer. E ela cobrava muito da gente os detalhes. Ela era muito rígida na questão dos detalhes, desde a limpeza da cama, tudo, até de fazer um procedimento mais sério.*

A trajetória profissional de Jaci Silva Martins evidencia as relações sociais entre práticas e representações, que se constroem em processo relacional. Assim, a sociedade em que estava inserida naquele momento percebeu sua atuação como enfermeira, ou seja, como ser uma profissional da enfermagem, o que esperar de suas ações, e qual a posição a ser ocupada nesse cenário. A partir destas novas concepções culturais pode-se analisar as mudanças no modo de conceber as pessoas e de objetos através dos tempos, e como as práticas e representações moldam a forma de pensar de uma sociedade durante um período⁽¹⁰⁾.

O modo operante da enfermeira Jaci Silva Martins se aproximava do modelo proposto por Florence Nightingale, fundadora da enfermagem moderna. A partir de Nightingale, iniciou-se a profissionalização, bem como a instituição de normas com forte apelo moral. O objetivo era imprimir um novo comportamento à ação do cuidado, anteriormente avaliado de forma pejorativa. Também estabeleceu condutas e diretrizes em relação ao cuidado aos doentes, tendo como destaque a questão do vestuário, ambiente, entre outros⁽¹⁹⁾.

A influência de Florence nos enfermeiros contemporâneos é percebida nos cuidados de enfermagem, na pesquisa, na reforma social e de saúde, incluindo saneamento, higiene, arquitetura. Seu foco principal era a higiene, a qual delineou os cinco componentes essenciais para a melhor cura: ar puro, água pura, drenagem eficiente, limpeza e luz. Alguns diriam que estes componentes não têm qualquer relevância para cuidados de saúde contemporânea, mas, em uma análise mais aprofundada, eles permanecem de vital importância para a saúde global⁽²⁰⁾.

Para Nightingale um enfermeiro deve ter características que envolvem: desenvolvimento de pessoas, traços emocionais como a amizade e o altruísmo, traços cognitivos, ser sábio, confiável, bem como fidedigno, orientação profissional, ser inovador, além de encorajador aprendizagem individual, ser entusiasta, respeitoso, ser bem humorado, ter habilidades executivas⁽²¹⁾

As representações das influências sofridas por Jaci Silva Martins do Modelo Nightingaleano de ensino pode ser evidenciado pelo seu modo disciplinado de atuação, a partir do entrevistado 3: *Ela gostava que a gente fosse assim impecável [...] Na época a gente tinha uma touca aquilo era engomado, você tinha que estar com aquilo em ordem. Ela era muito rígida. Você tinha que estar impecável com a roupa e com o sapato limpo, [...] Ela era rígida com a aparência da gente, cabelo preso, na época. [...] O cabelo, impecável e a roupa também. Ela era muito rígida nessa questão da aparência e da limpeza.*

Assim, conforme verificado na trajetória profissional da enfermeira Jaci, a direção dos serviços de enfermagem em hospitais foi exercida pelas enfermeiras biografadas, sendo que seis delas exerceram o cargo de enfermeira chefe. Além disso, quatro dessas enfermeiras atuaram simultaneamente como docente no ensino de auxiliar de enfermagem, e algumas delas foram diretoras nestas instituições, fatos observados no percurso de Jaci.^(6,12, 13,14,16,17)

Vida profissional na Docência do Ensino Superior

No ano de 1993, Jaci Silva Martins recebeu um convite sobre quais cursos deveriam ser implantados na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), instituição que foi criada em 1994. Esta solicitação veio do presidente da comissão de implantação da UEMS, o Vice Governador do Estado e Chefe da Casa Civil Ary Rigo. Nesta oportunidade Jaci expressou em resposta ao convite seu parecer com relação às preocupações de fundação do curso de enfermagem na UEMS, dos quais foram citadas condições mínimas necessárias de formação teóricas e prática do acadêmico, laboratórios para as diversas aulas práticas e demonstrativas, bem como um campo de estágio em condições de boa formação acadêmica. Jaci se coloca a favor da implantação do curso, e começa a batalhar por ele.

A implantação do curso de enfermagem nesta instituição decorreu da carência de profissionais para suprir o mercado de trabalho da região, visando atender, principalmente o Estado de Mato Grosso do Sul, realizando o primeiro concurso vestibular em 1994⁽²²⁾.

Além da docência no curso de Enfermagem, Jaci Silva Martins exerceu funções administrativas, foi membro do Conselho Universitário (COUNI) órgão máximo dentro da universidade. Ela assumiu a chefia de departamento do curso e também participou do

Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE). Também participou da reformulação do Projeto Político Pedagógico do curso de enfermagem no ano de 2002.

A enfermeira Jaci ministrou na UEMS as disciplinas de Deontologia e Ética, História da Enfermagem, bem como Enfermagem em Doenças Transmissíveis. Suas práticas de docência estão descritas nos seus cadernos, fichas de aulas, transparências de retroprojektor, disquetes contendo aulas e provas. Seus cadernos possibilitaram observar a organização das aulas, a descrição dos acontecimentos e a evolução dos conteúdos ministrados. Esses cadernos atuam como diários do processo educativo, e contém detalhadamente as estratégias pedagógicas, o plano de ensino e as bibliografias por ela utilizadas. Jaci fazia uso de múltiplas técnicas de ensino-aprendizagem, como seminários, trabalhos, emprego de filmes, estudo dirigido, aulas expositivas.

Em suas provas foi permitido observar como era seu método de avaliação, sendo predominantemente constituída de questões dissertativas. Como docente da disciplina de Deontologia procurou estabelecer diálogo com outras disciplinas, abordando temas contemporâneos e de relevância à profissão de enfermagem.

Nas pesquisas biográficas brasileiras foi notória a trajetória das personagens com atuação na docência do ensino superior em enfermagem^(5,6,12,14,15,16,17), além da busca pela capacitação em Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu^(5,12,13,15,16,17), para poder atender as carências das instituições, bem como suas próprias necessidades de conhecimento.

Jaci Silva Martins e as suas práticas de ensino, postura, respeito, ética, e disciplina, foram e continua sendo um exemplo para os seus ex-alunos. Isto fica claro na fala da entrevistada 2, a qual diz: *“...a Dona Jaci é mais ou menos uma referência, não tem o “padrão Anna Nery”? Acho que tem o padrão “Dona Jaci”. E quem passou por ela sofreu as influências, e saiu com essas influências.”* O que nos leva a presumir que imprimiu

representações, e práticas no exercício da docência e do ensino da enfermagem na cidade de Dourados.

A identidade profissional dos docentes é entendida como uma construção social marcada por diversos fatores que interatuam entre si, o que resulta em várias representações que os docentes fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, negociações das quais certamente fazem parte de suas histórias de vida, suas condições reais de trabalho, o imaginário crítico/reflexivo acerca dessa profissão. Também se refere ao conjunto das representações pelas falas relativas aos modos de ser e agir dos professores no exercício de suas funções em instituições educacionais⁽²³⁾

A participação de Jaci Silva Martins como profissional por aproximadamente 43 anos no magistério, contribuiu inegavelmente e de forma muito particular para o desenvolvimento da profissão da Enfermagem em Dourados e no Estado de Mato Grosso do Sul, a qual se concretiza com a criação do curso de Enfermagem da UEMS, visto que este foi o segundo curso nessa área no estado, sendo este em uma instituição pública e estadual, que formaria muitos profissionais para atuarem a nível estadual.

Tantos foram seus esforços, e dedicação que o reconhecimento por parte dos alunos era mera consequência, foi nome de turma no ano de 1998, pela formatura da primeira turma de enfermagem UEMS, bem como foi professora homenageada por duas vezes no ano de 2001 e 2004.

Faleceu em 19 de Agosto de 2008 aos 69 anos de idade, tendo deixado seu nome fortemente marcado em todos os lugares em que atuou como Enfermeira. É considerado um dos ícones da enfermagem douradense, e como forma de homenagem foi criada na UEMS à premiação Jaci Silva Martins na semana acadêmica do curso de enfermagem.

Considerações Finais

A trajetória de vida de Jaci Silva Martins convergiu com a de outras biografadas, sendo o seu diferencial sua formação e atuação na região Centro Oeste do país. Os resultados alcançados nas investigações demonstraram, que a trajetória profissional de Jaci Silva Martins permitiu considerar sua capacidade de gerenciar cargos desde o início como enfermeira assistencial de serviço, passando pela supervisão dos serviços de enfermagem do Hospital Evangélico Dr. e Sra. Goldsby King, exibe a figura de enfermeira chefe, a qual assume função de assistência, administração e supervisão dos serviços de enfermagem.

Jaci também atuou em cargo de docência e direção em cursos de auxiliar de enfermagem, o que lhe permitiu imprimir em suas alunas seu boletim moral, baseado na disciplina do Modelo Nightingaleano de ensino, resultando no “Padrão Jaci”, o qual é reproduzido até os dias atuais pelos seus ex-alunos.

Jaci contribuiu significativamente para os avanços da Enfermagem em Dourados e no Estado, em especial, para a evolução do ensino da profissão. Sua dedicação, sabedoria, e perseverança marcante mostram que seus esforços foram bem sucedidos a serviço da profissão, e, em particular, merece elevada consideração pelo seu empenho no ensino superior, construindo sua identidade docente, além de repercutir em seus alunos suas representações e práticas de docência.

Referências

1. Padilha MI, Ferreira AC, Maliska ICA, Villarinho MV, Zytkeuwisz GV, Sell C. Tendências recentes da produção em história da enfermagem no Brasil. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2013; 20(2):695-707.
2. DeMarco R, Judy JA. Virginia Cleland: An Oral History by Her Colleagues and Mentorees. *Nurs Outlook* 2002; 50: 253-260.
3. Padilha MI, Nelson S, Borenstein MS. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. . *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2011; 18(1): 241-252.

4. Furukawa PO. Comparativo de personagens da história da enfermagem brasileira. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 2009; 13(2): 402-05.
5. Azevedo JM, Carvalho V, Gomes MLB. Waleska Paixão: uma biografia a serviço da enfermagem brasileira. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 2009;13(1): 31-35
6. Mancia JR, Salles EB, Padilha MICS. Olga Verderese - uma vida para a enfermagem. *Rev Bras Enferm*, Brasília, 2008; 61(1): 122-124.
7. Hawkins JW, Watson JC. Public Health Nursing Pioneer: Jane Elizabeth Hitchcock 1863–1939. *Public Health Nursing*, 2003; 20(3): 167–176
8. Delgado LAN. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
9. Padilha MICS, Borenstein MS. O método de pesquisa histórica na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. 2005; 14(4): 575-584.
10. Chartier, R.A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
11. Pesavento, S.J. História & história cultural. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.
12. Baptista SS, Barreira IA. Anna Nava, baluarte da escola Anna Nery (anos 1940/1970). *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 2009; 13(3): 543-551.
13. Borenstein MS, Padilha MI, Maia AR, Costa E, Gregório VRP, Espindola AMK. Otillie Hammes: pioneira da enfermagem catarinense. *Rev Bras Enferm*, Brasília, 2009; 62(2): 240-245.
14. Erzinger AR, Alves MHL, Souza KV, Müller AS, Wenbeck AG. Alice Michaud - dedicação e glória: a primeira enfermeira do Paraná. *Rev Bras Enferm*, Brasília, 2007; 60(1); 99-101.
15. Mancia JR, Padilha MICS. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. *Rev Bras Enferm*, Brasília, 2006; 59 (esp): 432-437.
16. Rodrigues J, Oguisso T, Freitas GF, Ciozak SI, A trajetória de uma enfermeira: Neuza Aparecida Ramos. *Rev Bras Enferm*, Brasília, 2009; 62(3): 400-406.
17. Teodósio SSCS, Silva ER, Backes VMS, Martini JG, Reibnitz KS. Oscarina Saraiva Coelho: Uma história de dedicação à enfermagem. *Hist. Enf. Rev. Eletr (HERE)*, 2013; 4(1): 58-71.
18. França LS, Barreira IA. A enfermeira-chefe como figura-tipo em meados do século xx. *Rev. BrasEnferm*, Brasília, 2004; 57(4): 508-511.

19. Silveira MFA; Gualda DMR; Sobral VRS. Body and nursing: a delicate relationship. *Online Brazilian Journal of Nursing (OBJN – ISSN 1676-4285)*, 2003; 2(3).
20. Geraldine L; Clark AM; Thompson DR. Florence Nightingale – never more relevant than today. *Journal Of Advanced Nursing*. Blackwell Publishing Ltd, 2013.
21. Lorentzon M, Brown k. Florence Nightingale as mentor of matrons: correspondence with Rachel Williams at St Mary’s Hospital. *Journal of Nursing Management*, 2003; 11: 266–274
22. Missio L. Curso de Enfermagem da UEMS: um estudo da primeira turma de egressos-1998. [Dissertação de Mestrado]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2001. 187p.
23. Garcia MMA; Hypolito AM; Vieira JS. As identidades docentes como fabricação da docência. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2005; 31(1): 45-56.